

Cacos de sonhos - cartas de uma ex-prisioneira na Vila Militar (1971-1974)Betânia Oliveira Barroso¹

Universidade Federal do Maranhão



MAURÍCIO, Lúcia Velloso. *Cacos de sonhos: cartas de uma ex-prisioneira na Vila Militar (1971-1974)*. 1a. ed. Rio de Janeiro: Ponteio, 2015. 295p.

Recebido em 10 de agosto de 2018.

Aprovado em 10 de novembro de 2018.

O recurso das cartas não é um produto novo como instrumento de análise da realidade, pois o seu registro já está consolidado na história da humanidade; porém, como campo epistemológico vimos apenas recentemente nas últimas décadas o seu uso potencializado na academia, muito fortemente na história, na educação e na literatura. A obra de Lúcia Maurício serve a estes dois enfoques, pois, por um lado, torna-se sem dúvida nenhuma um material de registro de um período específico da história do Brasil;

¹ Prof.ª Dr.ª Educação. Curso Licenciatura em Ciências Humanas/UFMA

e, noutra perspectiva, serve como instrumento para análise do vigor da escrita e da densidade do vivido pela autora, especialmente, no período em que fora presa política.

Conforme sabemos, o Brasil viveu durante 21 anos sob uma ditadura militar (1964-1985), momento este que qualquer forma de oposição, tanto consentida quanto armada, era motivo de severa sanção. No caso da autora, a sua biografia enquadra-se no perfil dos muitos militantes políticos que se utilizaram das armas para buscar um rompimento com o *status quo* do regime militar e pagaram um preço infinitamente mais caro do que as suas ousadas rebeldias: prisões, torturas, mortes e exílios. No caso das mulheres ainda foram vítimas de todas a sanha da corporação militar e do *ethos* machista; pois estes, quando possuíam em suas mãos uma mulher como presa política, eram implacáveis na hora de extrair informações mediante tortura acerca das suas ações na guerrilha. Ocasionalmente para essas presas, obviamente, traumas impagáveis nas suas memórias, tornando-as férteis nos seus testemunhos como vítimas de um período cruel na história brasileira.

As cartas de Lucia constroem todas essas narrativas ao fazer um balanço da sua vida após a sua prisão política, efetivada em 1971. Antes, convém enfatizar que a missivista viveu um período de descobertas juvenis junto a efervescência do movimento estudantil dos anos 60, assim como a descoberta de si como mulher e da sua liberdade sexual com o seu primeiro namorado e companheiro de guerrilha, Alex Polari de Alverga. Ou seja, nas suas cartas vemos as lembranças de uma presa política, desde relatos de quando ainda era uma menina adolescente que se transformava em mulher e descobria a liberação sexual do final dos anos 60 e início dos 70; até o momento, da autora se vendo como uma mulher mais madura através das reminiscências de sua vida tensa e cheia de agonia durante as suas ações efetivadas na guerrilha urbana (1969-1971). Neste desenrolar biográfico, após uma participação ativa na luta contra a ditadura militar e vinculação em uma organização armada de combate ao regime, Lúcia Velloso foi presa em setembro de 1971, nas vésperas de fazer 20 anos de idade.

As suas cartas revelam todas as tensões e pulsões vividas por Lucia, igualmente como as vividas por sua geração que ousou pegar em armas e lutar contra o regime ditatorial. Num registro missivista de quase duzentas cartas a autora selecionou em torno de 50, que construíram um roteiro orgânico do vivido durante o seu período como presa política. As cartas se dividem no seguinte roteiro discursivo: 1) acertos de contas com o passado, entre os seus familiares e o seu companheiro, enfatizando neste tópico a sua escolha política e confronto com a família por esta opção; 2) a sua rotina interna como

presa política, que se dividia em várias atividades que poderiam limitadamente efetivar na cadeia, por exemplo, escrever cartas, ler livros, fazer artesanatos, estudar, etc.; e, 3) os períodos finais como presa política, momento este que as suas cartas descreviam os acontecimentos referentes ao andamento dos seus processos e pareceres jurídicos, até momento final com a sua tão sonhada liberdade.

Ainda, convém realçar que as cartas estavam destinadas a dois públicos distintos: 1) interno: pois eram distribuídas entre os presos políticos a fim de efetivar uma circularidade informativa, principalmente, com outras presas políticas amigas suas que estavam em outros presídios e com o seu marido Alex (Lucia casa presa em 1972). 2) externo: as cartas estavam destinadas, especialmente, para os seus familiares. Nesse segundo público, primeiramente, houve um acerto de contas com passado, para depois, se deixarem trocarem informações sobre as vivências do mundo “lá fora” relatada pelos seus familiares. Através deste relato do exterior, efetivado pela sua família via carta, tornava-se para Lúcia um momento extremamente rico, pois era a ocasião no qual a autora poderia trocar as impressões com familiares das mudanças ocorridas no mundo e da cultura daquele momento nos anos 70: discos, filmes, livros, modas, etc.

No tocante as suas cartas enquanto presa política, mesmo que possamos pensar o quão restrito seria o seu universo de mundo e o que poderia escrever num ambiente tão claustrofóbico; porém, com certeza, ficamos surpresos com a infinidade de situações e de reflexões contidas nos seus relatos. Tal enfoque, obviamente, se reforça muito densamente no balanço do vivido da sua geração que pegou em armas; sendo que neste aspecto a autora não se eximia em questionar as suas escolhas e defendê-las, assim como se dava o direito de estabelecer uma crítica política das suas ações (acertadas ou erradas). Noutro aspecto que surpreende também é a riqueza da vida cadeia, pois mesmo com o espaço de vida tão limitado e com severa censura dos generais que controlavam os presídios, o coletivo das presas políticas conseguia ter uma vida rica intelectualmente e extremamente fértil (na medida do tolerável).

Quanto as censuras à rotina de vida dos presos, constamos pelas cartas o modo como eles furavam o bloqueio para passar mensagens cifradas pelas cartas, assim como o longo percurso que as missivas tinham que percorrer até chegar nas mãos dos seus destinatários finais. Destaco que as cartas passavam por severo crivo dos militares na administração do presídio lendo-as criteriosamente, para só, posteriormente, serem entregues aos seus familiares e aos outros presos políticos. Ou seja, precisavam ter uma grande elaboração, despistes, técnica de escrita e códigos internos dos presos para passar

o conteúdo que tinham interesse de divulgar e, igualmente, para receber mensagens. As cartas, portanto, serviam como instrumento importantíssimo de circularidade de informação e, muitas vezes, da manutenção da própria vida dos presos políticos quando estes estavam em risco em face da constante perseguição pela corporação militar, mesmo que já estivessem cumprindo pena.

As cartas foram salvas por Lúcia em face que a missivista possuía como hábito escrever todas com papel carbono, justamente para burlar a censura dos militares; assim, caso alguma carta não fosse entregue corretamente ao seu destinatário, ela não perderia o tênue fio da meada. A partir do registro das suas cópias em carbono é possível fazer um profícuo estudo da realidade do país naquele momento, como se fosse um fragmento precioso da história privada através da análise de conteúdo e da análise do discurso do material selecionado pela autora enquanto era presa política. Portanto, as missivas de Lúcia inserem-se fortemente no que convencionou chamar memória do testemunho ou literatura do testemunho, da mesma categoria das reminiscências de Graciliano Ramos em, *Memórias do Cárcere*, enfocando a Ditadura Vargasista (1930-1945) enquanto ele fora preso político.

Ainda, estas suas memórias do vivido descrito através das cartas estão cheias de emoções, contida numa linguagem de gênero como uma espécie de escrita muito feminina: sonhos, sentimentos, desejos sexuais, vontade de ser mãe, a tortura sofrida na intimidade da mulher, etc. Em síntese, além de ser um retrato vivo da história política do Brasil dos anos 60 e 70, ainda esta obra consegue fazer um balanço das reflexões das mulheres e o seu processo de emancipação de gênero no início dos anos 70 – tão custoso para as mulheres que romperam com a perspectiva linear aceita na época de ser esposa/mãe e optaram pela política como função principal de suas vidas.

Com este livro editado em 2016 e no papel atual de professora universitária, Lucia Velloso não pretendeu apenas fazer um balanço de sua geração a partir da escrita acerca das memórias e do testemunho do que viveu; pelo contrário, foi mais além, pois pretendeu traçar um relato pujante da história do Brasil. Assim, através da sua história de vida conseguiu fazer um balanço circular do passado ocorrido na cena política brasileira (ditadura militar) e, igualmente, ativar as pontes com o tempo presente, haja vista que no prólogo a autora fala da necessidade que possui de escrever para as novas gerações, principalmente, para os seus alunos. Nesse sentido, *Caco de Sonhos* consegue fazer esse roteiro de maneira magistral entre o tempo passado e o tempo presente, bem como fazer

os leitores se tornarem cúmplice dos anseios vividos pela autora no seu passado e dos sonhos que possuía (e ainda possui) para o país em vivemos atualmente.

Referência:

RAMOS, G. Memórias do Cárcere. Rio de Janeiro: Editora Record, 45ª edição, 1953.